

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

19.02.96. Cotonu. Família Domingos.

LUCIEN DOMINGOS - A família Domingos está estabelecida no Benin desde 1805, com a chegada do navegador brasileiro José Martins Domingos, cujo pai se chamava também José Martins e era diretor do Banco do Rio de Janeiro. Ele era filho natural deste homem que fez vir *Spiritu Sanctus* para lhe dar seu nome, integralmente, o que suscitou surpresa ao nível de seus amigos. Isso se passou nos anos 1816. Pegaram então esse filho natural e o levaram ao Rio de Janeiro, a fim de lhe dar instrução, porque não havia ainda escola nesse tempo. Mas já que essa criança era brilhante, os portugueses pediram ao pai de lhes passar o filho, para partir em missão na África. Foi assim que José Martins Domingos se encontrou na África. Ele deixou definitivamente o Brasil por volta de 1818, e foi neste ano mesmo que prenderam seu pai, que era também presidente dos independentistas, eles mesmos brasileiros descendentes de portugueses que reclamavam a independência do Brasil. Certo número deles foi preso, entre os quais, certo Suarez, e todos foram fuzilados em Ricy.

Para a anedota, Domingos chegou aqui, então, nos anos 1805, e morou na casa do primo, Dom Francisco Félix de Souza, em Singbomey. Ele ficou bastante tempo com ele antes de criar sua própria casa, no bairro que ele batizou de “Bairro Brasil”. Esse bairro se chamava Adamé. Ele tinha outras casas secundárias em Uidá, Porto Novo, enfim, uma em cada canto, mas sua residência principal era no Bairro Brasil, em Adamé. Ele viveu muito tempo lá. Ele era um dos brasileiros mais influentes que trabalharam na costa da África (cf a página 566 do livro de Pierre Verger). Esse grande navegador brasileiro veio se instalar aqui e ele deixou uma família numerosa, uma sucessão de 26 crianças, entre os quais quatro filhos partiram para Bayard, para se casar. As cinco filhas que ficaram aqui se tornaram ricas brasileiras e se casaram todas, seis meses depois da morte de José Martins Domingos. Mas, entre os meninos que ficaram no Benin, alguns evoluíram, outros desapareceram. Desapareceram no quê?

Domingos chegou aqui por volta de 1810. Em 1818, houve um grande acontecimento que se produziu no seio da comunidade afro-brasileira. Francisco Félix de Souza foi à Abomey reclamar uma dívida junto ao rei Adandozan, que era então o rei de todo o Daomé. Ele foi por uma primeira vez e o rei d’Abomé, não tendo *cauris* suficientes, nem escravos suficientes para lhe satisfazer, lhe prometeu de pagar outro dia. E, assim que Francisco retornou, ele foi preso por Adandozan, o qual, nesse ínterim ordenou que o matassem. Domingos, sendo alertado da prisão de seu primo, apressou-se em procurar o rei Adandozan, como um emissário, pedindo a liberação de seu primo. O que Adandozan não pôde fazer, nas 48 horas que se seguiram. Domingos se deslocou então

num dia, colocando a cada 100 sobre seu trajeto Uidá-Abomé 4 *ramakers*¹ de modo a se revezarem para ir mais rápido. Ele deixou Uidá por volta das 20 horas e devia chegar por volta de 1 hora da manhã em Abomé. Ele tinha encontro com o [?] Gakpê, que era o irmão caçula do rei Adandozan. Eles se encontraram, ele deu presentes a toda seita do rei e uma garrafa de rum especial para Gakpê, a fim de ser oferecida ao rei, que já tinha dado a ordem para matar Souza e para lhe trazerem sua cabeça. A bebida tendo partido, assim como o tabaco, o dinheiro, os tecidos, etc., os homens de Adandozan estavam tão contentes que eles decidiram ajudar o seu donatário. Foi então que decidiram matar outro nativo no lugar de Souza, e levar sua cabeça ao rei. Mas o rei, nesse ínterim, pegou a garrafa que Domingos enviou. E, tendo ficado bêbado, dormiu. Ora, Domingos tinha pedido aos homens de lhe avisarem assim que isso ocorresse. Foi assim que ele foi avisado, às 2 horas da manhã. Este, então se deslocou em companhia de Gakpê em direção ao Palácio Real. Estavam em plena cerimônia. Rapidamente, ele instruiu o bando de colocar seu primo em uma esteira – tal era o costume na época, para os mortos – e de lhe fazer passar por morto indo em direção à Uidá. Eles foram então por Dogbo Clovehomey, e chegaram à Anecho². Desde que o comboio chegou, Domingos perguntou à Gakpê o que ele queria que fosse feito de seu irmão mais velho, e se ele queria tornar-se rei. E colocou-se à sua disposição. Foi assim que foi destronado Adandozan, rei sanguinário, conhecido de todos – de seus soldados, que foram entregues à Gakpê, que se tornou assim rei, nomeado Guêzo. Fizeram tocar então o *sogan* grande tambor de [?]³. Todo esse tempo, durante 48 horas, Adandozan dormiu. Quando ele finalmente acordou, tudo já estava feito. Foi assim que, querendo salvar seu primo, Domingos contribuiu para a destituição do tirano Adandozan.

Depois dessa liberação, em 1818, teve, em 1820, uma grande cerimônia, durante a qual Guêzo, Domingos e Souza assinaram um pacto de sangue de assistência mútua. Na seita de Guêzo, em sua administração, ele tornou-se o rei mais respeitado do Daomé, primeiro porque foi em seu reino que foi abolido o sacrifício humano. Este não agradava a ninguém, nem aos autóctones, nem aos administradores brancos. Esta supressão convocou o grande chefe guerreiro que era Maya Ki Tankox (ancestral do senhor), que devia fornecer bois para sacrifício e outras obras de sangue...

MILTON GURAN - Eu queria te perguntar uma precisão: agora pouco, falando de pacto de 1829, tratava-se, claro, de um pacto de sangue?

LD - Perfeitamente. Todos os três, Don Francisco, Don Domingos e o rei Guêzo tinham pactuado. Meu pai era assessor do tribunal d'Athiénie e as grandes cidades do Daomé eram Uidá, Grande Popô, Athiénie e foi depois que Abomé nasceu. Porto Novo foi bem mais tarde, em 1922. E é ainda obra de Domingos, quando Souza e ele abriram uma fábrica em Badagri, depois a Praça creola em Lomé, onde Domingos construiu uma igreja em madeira.

¹ NdT: incompreensível.

² NdT: grafia difícil, pode ser outra palavra.

³ NdT: incompreensível.

MG - E a data do pacto de sangue, onde o senhor encontrou?

LD - No forte português, nos registros que estão atualmente na Embaixada do Portugal, em Lagos. Tem duas peças autênticas. E o túmulo de José Domingos Martins ficava no forte.

MG - O túmulo não ficava então na casa da família, mas no forte.

LD - Exatamente. Porque em 1849, quando Souza morreu, foi Domingos quem assegurou inteiramente as despesas cerimoniais e que designou Isidore Ignacio, um de seus filhos, para cuidar de sua sucessão. Em 1858, ou seja, nove anos depois, Guêzo, que tinha assinado o pacto com Souza, morreu. Mas, em 1860, quando Domingos morreu, não havia mais ninguém. Em 1849, quando Souza morreu, Guêzo veio à Uidá para a cerimônia do enterro. Quando o enterro acabou, ele disse que haveria na casa dele uma cerimônia dita *Houfiffo*, durante a qual seriam recolhidas lembranças de seu amigo, que seriam levadas ao Palácio Real. Mas Domingos fez saber que Souza deixou muitos filhos e que não era questão que Guêzo levasse toda sua herança, uma parte deveria ser concedida, o que deu enorme prazer à Guêzo⁴. Mas quando Guêzo morreu, Domingos partiu assistir a cerimônia em Abomé e o povo de Abomé lhe era muito grato. Foi mesmo posto em seu túmulo uma arca com doze cachimbos de ouro. Mas, em 1864, quando Domingos morreu, não tinha ninguém para assisti-lo. Os três que tinham assinado o pacto tinham partido. Foi então que Glélé, que é o filho de Guêzo, veio fazer as mesmas cerimônias, para recolher alguns objetos (lembranças) do amigo de seu pai. Os filhos de Domingos se opuseram aos filhos de Souza, assim como aos filhos de Almeida, e houve uma matança. No que se refere às famílias Oliveira e Souza, é preciso dizer que os Oliveira estavam lá desde 1796. Na época, era Olivier de Montaguère. Ele tinha três filhos: Nicolas, Jean Baptiste e [?] (décédé). Sophie, a mãe deles (uma mulata) tinha sido confiada ao rei Kpingla em 1767, quando Oliveira partiu em missão na França. Antes de seu retorno, Kpingla já tinha engravidado a mulher. Quando ele chegou, ficou tão bravo que o rei Kpingla lhe deu um lugar em Uidá e ordenou que o instalassem, mas também que o vigiassem. No meio tempo, ele foi afastado de suas funções e substituído. Ele estava então lá, com seus dois filhos, Nicolas e Jean Baptiste, quando lhe convocaram para ir à França. Mas o rei, temendo que ele fosse para a França e retornasse para lhe dar um golpe, deve ter organizado uma emboscada em Zounghodji, na qual ele caiu e desapareceu. Ele não foi mais encontrado nem em Marselha, sua cidade natal, nem em Uidá, seu local de residência. Foi daí que nasceu a família Kakanakov (que significa exatamente: antes que ele fale, haverá a morte). Assim, então, Domingos, tendo vivido em bons termos com o rei, em sua morte não tinha mais ninguém. Glélé veio então recolher suas relíquias, mas as pessoas se opuseram a sua vontade e devem ter lançado mão de um sortilégio, pelo fato que em determinado momento, tanto na família Souza, quanto nas famílias Almeida e Domingos, que se opuseram a sua vontade, não sobrou praticamente mais nenhum filho homem vivendo lá. Mesmo meu próprio pai, Domingos, teve que se recolher à casa de sua mãe Oliveira,

⁴ Esse trecho está um pouco confuso. Aparentemente Guêzo gostou de dividir a herança com os filhos de Souza.

em Gorê, antes de poder ter três meninos, sobre sete filhos que ele teve ao todo. Seus irmãos Joseph, Bernard, etc., que tiveram meninos, foram todos mortos. Só as mulheres sobreviveram.

MG - Então, entre os filhos deixados por José Domingos Martins em Uidá, se encontravam 16 meninos e dez meninas.

(segue nas próximas fitas k7).

LD - Ele veio e não pode fazer a operação dos *Kutito*. Em sua cólera, ele eliminou um bom número de adultos Domingos, Souza, Almeida, todos aqueles que eram maiores de idade e que se opunham a essa história.

MG - Tem um ponto aí que é preciso detalhar. A história de José Martins Domingos é bastante contada, conhecida, ela faz parte do livro de Pierre Verger e de outras obras. E a história que eu conheço é que ele, em certo momento, quis retornar ao Brasil. E, nessa época, ele fez a proposta a Chachá, que era muito velho, dez anos mais velho do que ele. Chachá disse que já era velho e que, se ele queria, ele podia partir, mas, segundo a lei brasileira, ele não poderia mais voltar ao Brasil com todas as suas esposas. Então, ele voltou com suas filhas. E ele deixou aqui os meninos. E as meninas partiram com ele e se casaram muito rápido. Martins Domingos morreu na Bahia, não morreu aqui. Aquele que está enterrado na casa da família é seu filho. É por isso que eu pergunto sobre o túmulo do forte português. É só um detalhe, não muda a história. O senhor conhece essa história aqui.

LD - Como o senhor acaba de dizer, Domingos tinha o desejo de voltar ao Brasil. Ele pediu ao testamentário Pereira de Ihe obter um visto para entrar no Brasil. Pereira geria os negócios e sabia que se Domingos voltasse, ele ia voltar derrotado porque ele ???⁵ todos [?]⁶. Está no livro do Verger, fez pensar que o governo brasileiro não queria que ele voltasse, porque ele viria com seus escravos e não seus filhos. Então Domingos disse, não, esses são meus filhos, eu não quero ir com meus escravos, mas com meus filhos. Pereira, não tendo conseguido obter o visto, ficou aqui, e morreu nos arredores. Eu assinado, certifico José Domingos Martins d'Ajuda, ao lado de Allence, com a idade de 45 (ou 67) anos, morreu nos arredores de Cotonu. Está lá.

MG - Esse é o filho.

LD - Sim, eu disse que é o filho deste senhor que veio aqui com o mesmo nome.

MG - Ele tem três filhos, tinha o José Martins Domingos, que foi executado em ???⁷, que nunca veio aqui. O que veio aqui, retornou ao Brasil. Esse que morreu com 47 anos, eu não sei, é o terceiro José Domingos Martins.

⁵Os pontos de interrogação estão no manuscrito.

⁶ incompreensível.

⁷ Pontos de interrogação estão no manuscrito.

LD - Eu dizia que esse senhor morreu aqui, ele foi enterrado aqui, em Porto Beglo. Quem se ocupou de seu enterro, o declarou em Uidá. O testamento está lá. Em seguida, nós somos descendentes de Marcelino, porque aqueles que sobreviveram, tem Prospercio, Benthô, tem, eles estão lá, mas nós, nós somos Marcelino Done. Quando Glélé fez os sortilégios, ele matou pessoas, a corte de Abomé disse a ele que ele não tinha razão: “São os filhos do amigo do seu pai. Guézo é o irmão amigo de Domingos, você não tem o direito de fazer isso”. Como recompensa, pegaram uma princesa, que deram para Marcelino. Ela chama Agbidinoukoum, que deu à luz filhos que morreram. O mais velho da região é Olivier de Montaguère, dito Oliveira. Como seus filhos tornaram-se Oliveira, quando ele morreu não foi mais possível localiza-lo. Perguntaram ao rei da França se ele podia mandar os dois filhos de Olivier de Montaguère. O rei da França respondeu por esse papel para dizer que ele partiu em 1775, que ele é proibido de levar para a França pessoas de cor, então, se ele não pode os levar lá, que leve a Saint Domingues. Então essas crianças foram adotadas pelos Souza e Domingos. É assim que deram o nome Oliveira a essas crianças. E foi o Oliveira que deu lugar ao Antonio Domingos Martins, que formou a casa de Agousa. Então, os três que puderam sobreviver na sucessão de Marcelino, tem o Juventio, tem o Antonio, e tem o Martial. Juventio é meu avô. Antonio é o pai desses dois aqui e ???⁸ sua geração quase desapareceu. Foi um tio meu, ele tem cinco filhos na França, todos mestiços. Esses são do mesmo ramo familiar, mas de Thérésa. Os dois Domingos que puderam fazer o negócio, não é incesto, se fazia, eles nasceram, nós os chamamos Cossi, mas de fato são Domingos, pois são Domingos de pai e de mãe. Aí estão os ramos da família que estão em Uidá. O ramo Martins está em Sair e em Porto Novo, depois, em Lagos. Nós temos um parente, o bispo de Lagos, ele é da casa Agousa. Eu posso te dizer que este senhor Domingos nasceu de dois Domingos. Seu pai é, e sua mãe é Silveira.

(discussão de fundo). Então, os Domingos e os Silveira são a mesma coisa. Foi para escapar da fúria de Glélé. Está aí o que posso dizer ao senhor sobre a família Domingos no Benin. Entretanto, devo precisar que, depois da invasão de Glélé, em 1865, as pessoas mudaram muito de nome. Quando pegaram as crianças para levar na casa do Oliveira, porque eles morriam, por ver o feitiço, as consultas, o primeiro, quer dizer, meu ancestral, um avô, o feitiço chama *Hozounhonto*, eu vou te dar o livro. Então, Domingos levou o feitiço de *Logozohé* para proteger seus filhos. Então, quando fizeram a consulta, lançamos as coisas, para meu avô, o feitiço recusou – lhe deram o nome de *Boko*. Bo é igual *voudou*, e ko é igual a nome. O segundo que passou, é Atoukploko, que é igual a “o nada se fabrica no confinamento?”. Confinamento fabricado pelo Deus Leão não se quebra. Então, ele foi compensado. O terceiro Antonio, quando passou, lhe disseram Adra, que é igual a “tem um mal que é preciso conjurar”. Conjuraram, ele não morreu. São esses três aí, e Thérésa que deu a geração que está em Uidá. Claro, nós temos primos que estão conosco, não podemos esquecer Mayabi Domingos, ele foi batizado Ambrósio. Ele teve filhos, com os Souza, os Almeida, os Domingos, os Oliveira. Em todo canto eles distribuía o leite de vaca aos europeus. Ele era o único. Não tinha. Se alguém diz ao senhor, é falso. Tem quase 5 quilômetros na praia e quase

⁸ Idem.

50 hectares em Togbeirou. Então, a família Domingos que está aqui, se instalou aqui desde os anos 1810, e pôde seguir depois da morte de seu ancestral em 1856, com os filhos de Benthó, Prospertio, Bonito e Marcelino. As crianças que foram para o Brasil, Adelaide e outros, o livro precisa bem, se casaram lá. Domingos não pode viajar porque Pereira, seu testamentário, o traiu. Então, depois dessas peripécias, a família, pouco a pouco, se reconstituiu, notadamente a partir de 1972. Meu pai morreu, eu o sucedi. Senão, até mais ou menos dez anos atrás, era o pai desse senhor que é o secretário geral que fazia ofício de chefe da coletividade na pessoa de Félix Domingos de Souza. Ele era ao mesmo tempo regente da família Souza Domingos.

MG - Eu encontrei em Porto Novo alguns Martins. Eles me deram um estatuto da coletividade deles, eles se dizem os únicos descendentes de José Maria Martins. Vocês estão juntos nessa coletividade? Ou tem duas coletividades? Uma Domingos e outra Martins.

LD - Com relação a isso, devo dizer ao senhor que os Martins não foram sérios. Fui eu que procurei os documentos e que fiz em 1988 uma missa em homenagem a este ancestral aí. Recebi pessoas de Lagos, de Porto Novo, de todo canto. Nós fizemos uma missa aqui, a partir desse momento nós começamos a venerar esse senhor.

MG - Em 1988.

LD - Sim.

MG - Dia 6 de fevereiro de 1988, às 11 horas, na Catedral Nossa Senhora (*Notre Dame*) de Misericórdia de Cotonu, missa de ação de graças do presidente do Conselho, Domingos Martins.

LD - Eu vou deixar o senhor. Tenho fotos que vou deixar com o senhor. Foi a partir disso que eu tirei os papéis que eles nos deram, é falso, é arquifalso. Fui eu que redigi. *Voilà*. Nós fizemos uma reunião geral, eu fiz o censo das pessoas, os Martins não são numerosos, eles fugiram, eles estão em Savi porque o primeiro filho de José Domingos Martins é um homem, uma mulher que fez seu filho em Savi. Ele deu o nome de Mahumon, que é igual a “é meu salvador”, porque foi por causa da gravidez que ele não partiu para o Brasil. Ele disse Mahoumon e é seu filho que acaba de me mandar a comissão, aquele que vem de voltar para minha casa, como um trapaceiro, é o filho de Martin Mahoumon. Aí estão as casas. Nós formamos esse escritório. Se o senhor ver, não há Domingos, tem também os Martins Christian que me mandaram alguém agora pouco, e é ele que foi dissidente porque ele agiu mal, ele foi condenado em um negócio de mulher. Não é normal, em 1992, eles formaram o escritório deles à parte. Para dizer que são eles que assinam o nome da família. Pierre Verger me enviou uma carta que eu mostrei para eles. Eles me disseram: sim, o sobrenome é Domingos Martins. Domingos é conhecido, com a condição que você coloque “s” porque foi a parte francesa que tirou o “s”. Senão, Domingos com “s” é um sobrenome bem conhecido no Brasil. Então, nós fizemos o escritório. Tinha dois Martins dentro, antes de eles fazerem a dissidência para ir criar [outro escritório].

MG - Então, é uma dissidência no nível da mesma coletividade. Não no nível dos velhos. Esses recusaram. São apenas alguns que se colocaram do lado deles.

LD - Notadamente Christian, que eu condenei, por um negócio familiar. Porque fui enquanto tutor deles. Desde o primeiro momento ele disse que devia ser o Martins o presidente da associação e eu disse que não, fizemos uma eleição. Se na assembleia nós elegemos Martins, ok, Domingos é Martins, Martins é Domingos. Então, as pessoas vieram em delegação para me pedir perdão. A partir desse momento, eu, eu tenho 63 anos agora, não sou uma criança. Há 25 anos, minha primeira filha nasceu em 1957, em Benjeville, eu era aluno controlador de Agricultura. Então, essa criança, esse juvenzinho, eu tenho em meu CEP em 1951, à Uidá. Seu pai estava ainda [?]⁹, ele não pode querer me fazer a lei. Ele só tem que ir embora. Eles vieram em delegação para me ver, para a reconciliação. Eles precisam vir se desculpar diante do conselho Domingos. Se o senhor prestar atenção esse documento porta [?]¹⁰, Conselho de Família Domingos Martins, mas eu não assino mais Martins, eu tirei. Eu digo que eu venho de um Domingos, é mais certo do que um Martins, me dizem que é a palavra de um advogado. Nós estamos harmonizando os costumes com Agousa Brasil, eles fazem os mesmos costumes. Apesar de que, em Agousa tem um paradoxo, tem a família em Agousa. Tem a família Souza, Pedro, Domingos, Silveira, Mayaki. Precisa se ver para dizer para explicar, porque um homem não tem cinco cabeças, ele tem ramos. Com as pessoas de Zomaï, eles têm um só, mas têm costumes diferentes, e eles fazem uma história de costumes, eles colocam um pintinho num caixão, nós não fazemos isso. Então, as pessoas me criticam que eu sou europeu. Esses aí, eles não cortam meu cabelo, minhas unhas, esses aí, se eles colocam o ???¹¹ é por erro. Eles não são nigerianos, eles são berberes, os filhos deles serão claros, claros. Eles pegaram um momento o Juventio, que são da família dele. Eles não entenderam nada. Eu gastei somas enormes por todo lado para procurar as crianças, mesmo na embaixada da Costa do Marfim. Eu fui me informar. Eles terão crianças brancas porque eles têm cabelos ondulados.

MG - O Bairro Brasil, não está sob a autoridade de Chachá?

LD - Em 1820, quanto teve o pacto de sangue, teve Guêzo que disse: agora, o que vocês querem que eu faça? Vocês me ajudaram, eu virei rei. Disseram, Guêzo, quem é teu [?]¹², pois é na noite do 26 de abril que eles fizeram as coisas. Meu avô disse, se você quiser fazer alguma coisa, você faz. Guêzo nomeou Souza administrador delegado do rei d'Abomé em Uidá, Chachá, e é ele que negocia tudo com os europeus. Se o senhor for à Uidá, o senhor não verá Souzas, o senhor não faz nada.

MG - É com o Chachá que eles vão acertar os problemas do bairro.

LD - Sim. Domingos tinha um empregado Amavi, era um australiano. Era ele que governava tudo quando Domingos ia para Lagos. Porque o rei Kossoko era amigo dele.

⁹ Incompreensível.

¹⁰ Idem.

¹¹ Pontos de interrogação estão no manuscrito.

¹² Incompreensível.

Aqueles que vieram para Uidá chamavam Egba, raça de Abeokuta. Ele disse: o que é isso? O que eu vou fazer por vocês? Ele disse não. Foi assim que nomearam Chachá administrador delegado. Meu pai me disse, ele morreu em 1972. Em 68, eu notei coisas ditas, em 61 eu vi no forte português de Uidá onde as coisas marcadas. Hoje, vamos nos ajoelhar no rei de Abomé, não, somos nós que ajudamos o rei a ir para o trono. Fomos nós que o ajudamos a combater Abéokuta. E foi no retorno que ele foi flechado, em Agoulin. *Covê Zagnanado*, que é igual a “a noite está má”.

(discussão sobre o documento arranjado).

LD - O senhor tem os [?] ¹³ dos Domingos. As pessoas dizem *Djéto*, é falso, nós somos *Anvouménou*¹⁴.

MG - O que isso quer dizer?

LD - O homem que se veste. *Avô ??? tata glo*¹⁵ - ele tem tecidos que ele não pode vestir. É verdade, no livro de ???, me disseram que Domingos encomendou tecidos que ele nunca usou. Ele fez vir um barco no Porto de Uidá, o capitão estava apressado, ele pagou à vista e ele disse para partir rápido. O senhor tem os louvores da família Domingos aqui. Essas são as formalidades para fazer o casamento, o batismo, o enterro. Tem lonas para isso. Isso é como os brasileiros partiram do forte português em Uidá.

MG - Quem é o autor disso?

LD - Tévoédjré. Quando fazemos a missa, o representante do Souza tinha colocado um endereço. Para a entronização eles deveriam nos convidar prioritariamente. Fomos nós que libertamos o ancestral deles, eles não fazem por maldade, mas por ignorância. Aqui é minha avó, ele é Oliveira. Olivier de Montaguère não voltou para a França. Ele foi morto em Zoungbodji, pelos kakanakou. Aqui o senhor tem a árvore genealógica dos Quenums¹⁶. Na verdade, eles não são Quenums, eles são Padanou Houenou. Eles estavam na corte do rei de Abomé. O Carnaval do Brasil, é fantástico, em 86 nós contamos 150 mil mortos, parece, ou 5 mil.

MG - No carnaval não.

LD - 150 mortos.

MG - 150 não é nada para uma festa de mais de 6 milhões.

LD - *A bourian*, tudo se faz aqui. Os Souza e os Domingos não brincam com essa festa de dezembro até janeiro, a prova é que meu ancestral, no seu testamento, disse – Finalmente eu declaro que eu professo a fé católica romana na qual eu pretendo viver e morrer. Todos aqueles que não aderem a essa linha de conduta, mas aos *gris gris*¹⁷, ao

¹³ Incompreensível.

¹⁴ Grafia difícil, pode ser algo próximo.

¹⁵ Como no manuscrito.

¹⁶ Pode ser uma palavra com grafia próxima.

¹⁷ Feiticeiros.

charlatanismo, ao Islã, tudo isso, eles fazem mau caminho. Tem um testamento, é preciso seguir. Eles iam à festa e Guêzo queria que eles ficassem mas eles se recusaram a vir para Uidá. Chegando em Uidá, perguntaram a ele onde ele se encontrava e ele disse: foi o rei que me deu isso como presente de festa, *houémon* é igual a “presente de festa”. *Rademose*¹⁸ *Houémon*. Transcrevendo eles colocaram Quenum, eles afrancesaram.

¹⁸ Pode ser uma palavra com grafia próxima.